



## FILOSOFIA POLÍTICA E DESEJO

Vol. 1 nº 1 jan./jun. 2006

p. 131-138

*Gilmar Henrique da Conceição<sup>1</sup>*

A questão de “ser impossível o amor total na sociedade burguesa” está colocada a muitos anos. Afinal, têm relevância a qualidade e a quantidade do amor e prazer que os seres humanos historicamente experimentam. Assim, sem, dúvida nenhuma há “um problema do amor” que se dá no contexto das lutas de classes, dos interesses econômicos e políticos, do moralismo laico e religioso, do ambiente social, dos preconceitos e do autoritarismo. Vivemos numa sociedade regulada pela posse, ou mais precisamente pela propriedade privada. De fato a “posse” na sociedade capitalista se expressa no plano pessoal e afetivo onde somente há segurança na apropriação e na dominação. Numa oportuna provocação ao marxismo, às religiões e à psicanálise encontramos a afirmação de que a idéia do sacrifício tão presente nos parâmetros políticos de direita e de esquerda, na teologia e no superego – tem convencido os seres humanos que amar significa fundamentalmente sofrer e perder a liberdade. Entretanto, penso que no interior do pensamento marxista há o horizonte de uma sociedade lúdica onde, com a sua efetivação plena, dar-se-á o exercício espontâneo dos potenciais afetivos e criativos. Afinal, ser revolucionário também é assumir riscos na realização de uma utopia do “ainda não”, mas que poderá ser. O próprio Lênin escreveu que é preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho, de realizar escrupulosamente nossas fantasias. De fato, nosso cotidiano de relações de poder, dominação e castração tem definitivamente colocado que amar é sofrer. Todavia, não é fácil escrever sobre tema tão difícil:

“Uma das mais eficientes maneiras de diminuir nosso sofrimento pelas dificuldades em exprimir e comunicar verbalmente o amor direta e substantivamente é podermos adjetivá-lo à vontade e, com isso, atenuarmos sua força e o travestirmos de roupagens tão variadas e diversificadas que, longe de sua crueza e de sua nudez autênticas, o amor acaba sendo mais a máscara do que o mascarado, ou – o que é mais trágico – às vezes a máscara apenas disfarça e encobre a ausência do que devia mascarar.”<sup>1</sup>

Qual é a relação dos partidos políticos com Eros? Pode ser que, talvez, não soe muito bem a idéia de que os partidos não podem descartar “o problema do

amor na sociedade burguesa” em seus programas e em suas militâncias. As transformações sociais, entretanto, ocorrem de acordo com as teorias que as orientam, mas também com a inspiração dos desejos pessoais e coletivos que as inflamam, imbuídos de afetividade, da criatividade e da sexualidade. As relações sociais também são constituídas por relações políticas, por relações de desejo, ódio, solidariedade, etc.

A educação e a política têm elementos de paixão, desejo e utopia. Além de estabelecerem relações educativas, as relações sociais também são constituídas por relações políticas, por relações de desejo, ódio, solidariedade, etc. Embora rigoroso e eficaz o conhecimento científico limita nossa experiência de mundo, que se constitui também de intuições, emoções, crenças e afetividade. Afinal, tudo aquilo que pensamos e desejamos se situa, inicialmente, na esfera da imaginação. O trabalho deveria ser o espaço por excelência do exercício da criatividade e do desejo e não como tem sido, sob o capitalismo, o estabelecimento brutal das padronizações na sociedade.

Há diferentes formas históricas do trabalho, entretanto, o trabalho é a capacidade de transformar a natureza, tornando possível a cultura. É uma ação social transformadora dirigida por finalidades conscientes pelo fato de que os seres humanos relacionam-se entre si para produzirem a própria existência. Pelo trabalho o ser humano se autoproduz, modificando-se e construindo-se a partir de sua ação. Desse modo, aprendemos a conhecer nossas forças e limitações, desenvolvendo a inteligência, as habilidades e experimentando os afetos de toda relação e, de modo particular, o desejo e a paixão.

A produção e a reprodução das condições de existência se realizam, portanto, através do trabalho (relação com a natureza), da divisão social do trabalho (intercâmbio e cooperação), da procriação (sexualidade e instituição da família) e do modo de apropriação da natureza (a propriedade). As pessoas transformam as maneiras pelos quais atuam sobre a realidade estabelecendo relações que também se transformam, que por sua vez transforma o seu pensamento, o seu sentimento e toda a sua existência. Ao transformar a natureza o próprio ser humano também se transforma. Daí o fato do ser humano se constituir num ser que trabalha e produz o mundo e a si mesmo. O trabalho articula a relação dialética (portanto indissociável) entre a teoria e a prática, impondo-se uma disciplina e atingindo inclusive, aspectos morais e éticos. O trabalho alienado, porém, destrói a liberdade das pessoas, mutila sua criatividade, impedindo a plena fruição do desejo, da beleza e da alegria. Para a educação, não existe punição mais brutal do que o trabalho sem esperança.

Política e filosofia nasceram na mesma época. Inclusive, costuma-se afirmar que “a filosofia é filha da polis”. Assim, por sua origem a filosofia não cessou de refletir sobre a política, elaborando teorias para explicar sua origem, sua finalidade e

suas formas. Os seres humanos são dotados de *Logos*, assim por serem dotados da *Palavra* são “animais políticos”, como afirmou Aristóteles. Portanto, discutir política é referir-se ao poder. A política foi criada pela sociedade como o modo pelo qual pudessem expressar suas diferenças e conflitos sem transformá-los em guerra total. Ela é o modo pelo qual regulamos e ordenamos nossos interesses conflitantes, nossos direitos e obrigações. Por sua vez o desejo nos impele a sairmos de nós mesmos para buscarmos outra pessoa.

A partir desse momento, queremos limitar essa reflexão sobre educação, política e desejo no âmbito da “ideologia religiosa” e de modo especial na Idade-Média e no Renascimento.

Há um livro<sup>2</sup> muito interessante (que articula realidade e ficção) sobre a vida de uma anatomista do Renascimento que, apaixonado por uma mulher, empreende a busca de algum tipo de “pócima” que lhe permitiria alcançar o seu amor. O anatomista inicia, assim, intensa exploração para conhecer o corpo feminino e a misteriosa natureza das mulheres. Ele apalpava, desbragadamente, carne viva e carne morta: relacionando-se com prostitutas e dissecando cadáveres de mulheres em busca da chave do amor. No século XVI, isso implicava em correr sérios riscos de vida, pois havia uma bula do papa Bonifácio VIII que proibia a dissecação de cadáveres e a Santa Inquisição zelava pelo cumprimento rigoroso desta determinação. A prática da sodomia também deveria ser evitada uma vez que em muitos países era considerada crime passível de condenação à morte, mas isto sem dúvida acrescentava uma atração à sua prática.

Guiado por Eros, nesta sua busca incessante, o anatomista descobre, extasiado, o “Amor Veneris”, equivalente anatômico do “Kleitoris – até então desconhecido no Ocidente. Ele havia descoberto o que tanto buscava: a mágica chave que abre o coração das mulheres e o segredo que governa a misteriosa vontade do amor feminino, que inebria com o seu poder os homens. Kleitoris é paradoxalmente fragilidade e poder: “*Que sucederia si la hijas de Eva descubrieran que llevan en el medio de las piernas las llaves del cielo y del infierno?*”<sup>3</sup>

Para tornar público a descoberta do “Kleitoris” ele enfrentou o poder da Santa Inquisição, já mencionado, uma vez que esta via as mulheres com enorme desconfiança. Segundo a Inquisição a mulher não é dona de seu proceder e sim escrava dos arbítrios do “Amor Veneris”, e como o demônio pode fazer morada no “Kleitoris”, ela é moralmente mais frágil do que o homem. Em razão disso, os inquisidores julgavam que a “*fellatio*” podia enlouquecer as mulheres e que as forças demoníacas podiam se apoderar das mulheres “*per tutti gli orifizi*”. Assim, a mulher ficava entre o prazer e o êxtase, aos quais não podia subtrair-se porque o demônio permanecia em seu sexo, inundando-a de imenso e atormentado deleite,

fazendo seu corpo arder como fogo. Nesta ótica, era um infortúnio para os pais procriarem filhas, dada a *“monstruosa condição feminina”*.

Em muitos conventos da Idade Média, freiras tinham o costume de se privar do banho (ou, no máximo, banhavam-se de forma rápida e áspera sem muitos toques macios em si mesma), pois dessa forma evitavam um contato mais íntimo com o próprio corpo e, conseqüentemente, a *“tentação”*. Eros requer a descoberta e exploração dos corpos, de si e de outrem; assim, é preciso que nos reconciliemos com a corporeidade. O escritor do livro **El Anatomista** relata, ainda, o caso de uma mulher que se dizia possuída por demônios fornicadores e que relatou aos inquisidores:

*“Declara la dicente que aquel era el mismo diablo que pedía por su amor y por su alma, que vio toda clase de demonios que obedecían al maldito, y que todas esas bestias de fiero talante sometíanse a su amo, poniendo sus vergas gigantescas dentro del ojo del culo de la dicente que sufría de gran tormento y escuchaba que el amo de la bestias le decía que le diera su amor y su alma para que el grande suplicio cesara”*<sup>4</sup>

Há também um outro livro<sup>5</sup> que trata de São Cipriano – o bruxo – onde ensina-se encantamentos, magias, rezas fortes e *“regras para ativar os feitiços do amor”*<sup>6</sup>. Inclusive, o feitiço pode ser ativado pelo nome ou palavra falada e seu poder advém pelo tom da *“música”* em que se pronuncia. Assim, há o entendimento de que o *“canto”* é importante para enfeitiçar a pessoa amada. *“O ritmo é usado pelo feiteceiro para provocar estados emocionais”*<sup>7</sup>. Talvez por este fato, curiosamente, quando se queremos seduzir uma outra pessoa falamos em dar uma *“cantada”*.

Nas sociedades primitivas a música celebrava o sexo e a fertilidade. Estudiosos escreveram que diversos instrumentos musicais tiveram sua origem em símbolos sexuais. Musicalmente a palavra *“jazz”* tem origem na gíria dos povos negros e significa *“fazer sexo”*. A expressão dos antigos bluesmen, *“rock’n’ roll”* também tinha conotações sexuais. Inclusive, a denominação deste novo gênero, que revolucionou a maneira de fazer e ouvir música, a partir de 1950, foi inspirada em um velho blues: *“My daddy he rocks me with a steady roll”*.<sup>8</sup>

O movimento hippie construiu suas comunidades em meio a um clima astrológico que previa o advento de um novo mundo calcado no *“amor livre”*; eles esperavam pela *“Era de Aquário”*, em meio à busca pelo prazer (*“make love, no make war”*) e não havia lugar para a injustiça social, a opressão, a exploração econômica e a degradação da natureza. A música era central para as comunidades hippies.

Isto nos permite inferir que a música tem poder, mas não no sentido de, por si só, transformar o mundo. Nos início da colonização do Brasil, a música foi logo

percebida pelos padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta como instrumento privilegiado para “atingir as almas” dos povos indígenas. A música também é utilizada em indústrias, fábricas, bancos, currais, etc, para “acalmar” pessoas e animais. Na antiguidade, o filósofo Sócrates preocupou-se com os efeitos da música e censurou a execução de algumas músicas, alegando possíveis críticas ao organismo político, representado pelo Estado. Um de seus discípulos mais famosos, Platão, distinguiu modos musicais em “energéticos”, “depressivos”, e “excitantes”

Os segredos, os toques e as técnicas de Eros podem ser aprendidos. Ainda neste livro sobre Cipriano há uma estampa que - conforme se afirma - reproduz aula de bruxaria na Escócia, no ano de 1592<sup>9</sup>. Nela há a figura de um bruxo e de uma feiticeira empunhando livros eróticos para aprimorar o aprendizado de duas jovens, que exibem seus corpos nus às delícias de Eros. Eros, entretanto, desperta forças poderosas, em razão disso os discípulos de Cipriano alertam que se deve ter muito cuidado na execução dos feitiços do amor para que se evite o aparecimento de forças que não se pode controlar<sup>10</sup>. Isto parece ser verdade, porque, como observamos na mitologia grega, nem mesmo Eros tem controle absoluto sobre as forças que invoca; pois ele mesmo foi subjugado pela força da paixão e somente foi libertado graças à intervenção de Zeus. Na realidade, o que as maiorias das religiões temem e que os tiranos querem controlar são as exigências do desejo que a mulher desabrocha e que faz desabrochar, por meio do orgasmo. O orgasmo é força de Eros, em razão disso é capaz de, por alguns segundos, de restaurar a unidade perdida, com um sentimento de plenitude e preenchimento. Quando se experimenta este prazer intenso os franceses dizem *“s’envoyer em l’air”*.

O estudo da sexualidade feminina revela muita complexidade, tanto que foi à toa que Freud a chamou de “o continente obscuro”. Este estudioso buscou explicar as conexões entre a sexualidade e bem estar físico e mental das pessoas. Em seus estudos sobre ansiedade e neurose deu ênfase à sexualidade. Para ele, muitas doenças mentais e as fobias, em especial, não ocorrem em pessoas com vida sexual regular. Freud estudou a relação entre Eros e Tanatos. Eros quer a entrega sem reservas. A respeitada crítica de arte Catherine Millet, que passou livremente pelos domínios de Eros, relatou com inédita crueza e sem nenhum tipo de máscara a sua movimentada experiência erótica e como tem se apresentado para ela, em todas as suas formas e possibilidades. Esta autora revelou o que as pessoas esforçam-se para mascarar ou ocultar, quando se entregam, sem reservas, a Eros, por isso causou impacto:

“De maneira geral, deve haver uma ligação intrínseca entre a idéia de se deslocar no espaço, de viajar, e a idéia de “trepar”, senão uma expressão muito difundida como “ir às nuvens” não teria sido inventada (...) (p.98). Lembro

claramente de ter prometido a mim mesma, durante aqueles minutos, no acesso de consciência que cristaliza o prazer, que um dia seria necessário encontrar um meio de registrar por escrito aquela alegria extrema, experimentada quando os corpos, ligados um ao outro, têm a sensação de se expandirem...( p.104). Para aprender que possuía em algum lugar, em uma região que não podia ver e que não tinha ainda imaginado, uma abertura, uma cavidade tão flexível e tão profunda, na qual o prolongamento da carne, que fazia com que um homem fosse homem, pudesse encontrar o seu lugar. (p.121). Gosto muito de chupar o sexo dos homens...Disso resulta um inefável sentimento de domínio: com uma minúscula vibração da ponta da língua podemos desencadear uma resposta desmesurada. Além disso, estar com a boca cheia proporciona mais claramente a impressão de pleno preenchimento do que quando a vagina está ocupada. Um dos defeitos dos filmes pornográficos é o de fazer uma representação estereotipada do orgasmo: o gozo vem sistematicamente, após estocadas redobradas, com os olhos fechados, a boca aberta, dando gritos. Ora, existem orgasmos que se desencadeiam na imobilidade, ou no silêncio, e que vemos chegar e acontecer.(p.188). (...) Mas, a calma pode também se confundir com a indiferença( p. 189).<sup>11</sup>

Atualmente, o pós-modernismo vende apenas máscaras e o simulacros de Eros, negando a doação completa ao desejo. Já é de conhecimento de todos que “pós-modernismo” é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes desde 1950, quando por convenção se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasceu com a arquitetura e a computação nos anos 50. Posteriormente, desenvolveu-se alastrando-se no cinema, na moda e no cotidiano programado pela tecnociência (que invade o cotidiano com a ciência somada à tecnologia) que nos proporciona sexo virtual, micro-computadores, forno microondas, instrumentos digitais, massageadores, vibradores de todas as polegadas e vaginas eletrônicas para a felicidade solitária, na qual o “eu” não precisa do “outro”, para quase nada. Associar Eros aos produtos vendidos pela propaganda envenena o próprio ato de amar. Assim, incentivar a alienação dos corpos gera conseqüências, tais como isolamento e esvaziamento de si mesmo.

Navegando pela Internet, pode-se observar que no site <http://www.realdoll.com>. está à venda um tipo de boneca para servir como objeto de prazer, sob o custo de US\$ 3.999 a US\$ 4.499, do tamanho de uma mulher de verdade, feita de silicone do tipo usado em efeitos especiais no cinema, juntas flexíveis de outras partes sintéticas. Ela tem lábios carnudos, nádegas bem torneadas, longos cabelos, a pele lisa, os seios fartos e macios e o corpo quase perfeito. Somente podem ser encomendadas via Internet. Informam, ainda, que bonecos masculinos – até mesmo em versão travesti – estão em fase de estudo. Observemos a descrição da “barbie”:

“Do tamanho de uma mulher de verdade, pesando cerca de 50 quilos, as Realdolls podem ser customizadas – o comprador escolhe a cor dos cabelos, dos olhos, da pele, o tipo de boca, a cor das unhas, o formato dos pelos pubianos e quantos orifícios a boneca teve ter. O serviço completo, com orifícios oral, vaginal e anal sai por US\$ 250 adicionais. Para completar elas são dotadas de um vigoroso sistema de sucção em suas entranhas, feitas de um silicone mais delicado do que o usado na confecção do corpo”.<sup>12</sup>

Não se trata de ser contra a comodidade e o prazer (tecnologia, fetiches e acessórios sexuais podem ser bom para a individualidade das pessoas); o problema é substituir o real pelo virtual e a “máquina”, por outros seres humanos. O tempero não pode substituir o prato principal. Podemos alienar a realização de nossos desejos? Nenhum objeto pode se tornar a nossa outra metade. Mesmo porque o sentimento de completude – ainda que somente possa se manifestar na partilha com outra pessoa – é breve; dura um átimo. Eros está no horizonte que nos seduz a colocar o pé na estrada, mas jamais o encontraremos para todo o sempre. Eros não se deixa prender ou se enganar; entretanto, a sensação de vazio pode aumentar se não tem o toque com o calor de uma outra pessoa.

Não foi à toa que Schopenhauer escreveu quando era bem jovem: “Ó volúpia, ó inferno – ó amor – insaciáveis e invencíveis” (SCHOPENHAUER, s/d., p.19). Inclusive, Schopenhauer em um de seus escritos,<sup>13</sup> relatou que numa coluna, dedicada por Osíris aos deuses eternos podia-se ler a seguinte dedicatória: “Ao espírito, ao céu, ao sol, à lua, à terra, à noite, ao dia, e ao pai de tudo que existe e existirá – a Eros”. Para este pensador, no ser humano a vontade é força irracional inconsciente, apenas recoberta por uma crosta de consciência e razão. Assim, o sexo tem um sentido vital, pois a vontade é vontade de viver. Todo desejo é também sofrimento, pois é expressão de algo que nos falta e de que necessitamos com urgência. O desejo é infinito e a satisfação é breve.

Schopenhauer, leva-nos a trazer os motivos do elemento irracional na sociedade humana para o exame consciente e racional. Desse modo, quero encerrar este artigo com aquilo que talvez seja o centro do pensamento de Schopenhauer:

“Sei-me, intimamente, como um ser que quer, que deseja, que nunca deixa de querer e de desejar. Sei, intimamente, que sou vontade. Sei que, o que exteriormente se apresenta como corpo, como objeto entre objetos, intimamente é um eterno querer, ansiar, desejar” (ROSENFELD, A. H., p. 27)

REFERÊNCIAS

- ANDAHAZI, Federico. **El Anatomista**. Buenos Aires: Planeta, 1998.
- ANDRADE, Hernani. **São Cipriano, o Bruxo: seus feitiços mágicos, suas rezas fortes, seus milagres após romper com Satã**. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.
- FREIRE, Roberto. **Ame e dê Vexame**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990
- KEROUAC, Jack. **On The Road**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**.
- MARX, K. e Engels, F. **Sobre a religião**. Lisboa: Edições 70, 1972.
- MILLET, Catherine. **A Vida Sexual de Catherine M**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- OVÍDIO. **A Arte de Amar**. São Paulo, Ed: Martin Claret, 2003.
- PETRÔNIO. **Satiricon**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- Revista 89 – a revista rock**, “A barbie mais gostosa do mundo”, São Paulo: Editora PRICE, dezembro/97.
- ROSENFELD, Anatol H. Schopenhauer, o filósofo do pessimismo.in: Schopenhauer, Arthur. **O Instinto Sexual**. São Paulo: Correa Editora, s/d.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O Instinto Sexual**. São Paulo: Livraria Correa Editora, s/d.

NOTAS

- <sup>1</sup> Doutor em Filosofia e História da Educação e Líder do Grupo de Pesquisa em História e Historiografia na Educação da Unioeste.
- <sup>2</sup> ANDAHAZI, Federico. **El Anatomista**. Buenos Aires: Planeta,1998.
- <sup>3</sup> idem, p.13.
- <sup>4</sup> idem, p. 173.
- <sup>5</sup> ANDRADE, Hernani. **São Cipriano, o Bruxo: seus feitiços mágicos, suas rezas fortes, seus milagres após romper com Satã**. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.
- <sup>6</sup> idem, p. 357.
- <sup>7</sup> idem, ibidem.
- <sup>8</sup> “Meu homem me embala com um balanço legal.”
- <sup>9</sup> ANDRADE, Hernani. **São Cipriano, o Bruxo: seus feitiços mágicos, suas rezas fortes, seus milagres após romper com Satã**. Rio de Janeiro: Pallas, 1999, p. 179
- <sup>10</sup> idem, p. 358.
- <sup>11</sup> MILLET,Catherine. **A Vida Sexual de Catherine M**. Rio de Janeiro: Ediouro,2002. ps. 98,104,121,188 e 189.
- <sup>12</sup> **Revista 89 – a revista rock**, A barbie mais gostosa do mundo, São Paulo: Editora PRICE, dezembro/97, página 33.
- <sup>13</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. **O Instinto Sexual**. São Paulo: Livraria Correa Editora, s/d, p. 39.